



# Um ato de autoridade

por José Casado de São Paulo

No espaço de 24 horas entre as noites de quinta e sexta-feira, o presidente José Sarney mudou o comando do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA) — o único órgão ministerial privativo de militares da ativa —, aparentemente sem traumas para o seu governo.

Sarney começará esta semana empossando o novo chefe do EMFA, o almirante Valbert Lisieux Medeiros de Figueiredo, que ocupava o comando de Operações Navais da Marinha, no Rio, no lugar do brigadeiro Paulo Roberto Camarinha, demitido pelo presidente, na noite de quinta-feira, pelas críticas que fez ao governo, ao Legislativo e ao Judiciário, em entrevista à agência oficial EBN.

"Não me intimido, não recuo em face do cumprimento do meu dever", disse Sarney, ao justificar a demissão de Camarinha,

na sexta-feira, em Petrolina, na fronteira de Pernambuco com a Bahia, onde esteve visitando projeto de irrigação. "Caminhamos na democracia e, pela primeira vez na História, em três anos não tivemos uma prontidão militar com objetivos políticos", comentou Sarney, conforme relata o enviado deste jornal, Ivanir José Bortot.

Foi a terceira demissão de um ministro militar, nas últimas duas décadas, e a primeira feita por um presidente civil. O general Ernesto Geisel, na Presidência, em outubro de 1977, demitiu o general Sylvio Frota do Ministério do Exército, no momento em que este acenava com um golpe de Estado. Seu sucessor, o general João Figueiredo, fez demitir-se o almirante Maximiano da Fonseca, do Ministério da Marinha, em março de 1984, que desejava uma aceleração na abertura política. Foram operações previamente "costuradas", mas de resultados ruidosos.

O êxito da manobra de Sarney, expresso no apoio dos ministros do Exército, Marinha e Aeronáutica, além de alguns comandantes de tropa, foi alcançado pela rapidez e discrição do próprio presidente, aliadas à oportunidade de punir o brigadeiro Camarinha pela quebra de uma regra básica da vida militar, a hierarquia.

O chefe do EMFA fez uma dura crítica à política econômica e ao comportamento de ministros, parlamentares e magistrados. Pelo Regulamento Disciplinar da Aeronáutica, o seu "status" de ministro só lhe permitia ser punido pelo próprio presidente.

No final da noite de quinta-feira, Sarney convocou seus principais assessores políticos ao Palácio do Planalto, depois de ler a entrevista do brigadeiro Camarinha. Anunciou sua intenção. Foi para a residência oficial, no Palácio da Alvorada, telefonou para os ministros militares e encarregou o brigadeiro

Octávio Moreira Lima, ministro da Aeronáutica, de transmitir a sua decisão ao chefe do EMFA.

No intervalo, convocou a equipe técnica que habitualmente grava o seu programa "Conversa ao Pé do Rádio", difundido nas manhãs de sexta-feira, e gravou um novo pronunciamento. No discurso anteriormente preparado e gravado para transmissão pelo rádio, Sarney criticava, mais uma vez, os rumos da Constituinte. Na versão final, retirou essas críticas. Depois, telefonou para despedir-se de Camarinha.

Na tarde do dia seguinte, sexta-feira, ao retornar de Petrolina, o presidente estava cansado e sentindo fortes dores na coluna vertebral, um antigo problema de saúde que se manifesta nos seus momentos de tensão. Mas havia recebido informes do ministro-chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Ivan de Souza Mendes, sobre

(Continua na página 9)

O senador Mário Covas, do PMDB, renunciou à liderança do partido na Constituinte na sexta-feira e convocou uma reunião da bancada na quarta-feira, para escolha de novo líder. Sua renúncia foi provocada por um abaixo-assinado que recebeu, na quinta-feira, do grupo conservador do PMDB.

(Ver página 7)